

# O medo de todos diante do pênalti

O destino na Copa poderá ser decidido nas traumáticas séries de penalidades máximas. Para vencer, a melhor receita é fugir da Alemanha

Leandro Loyola

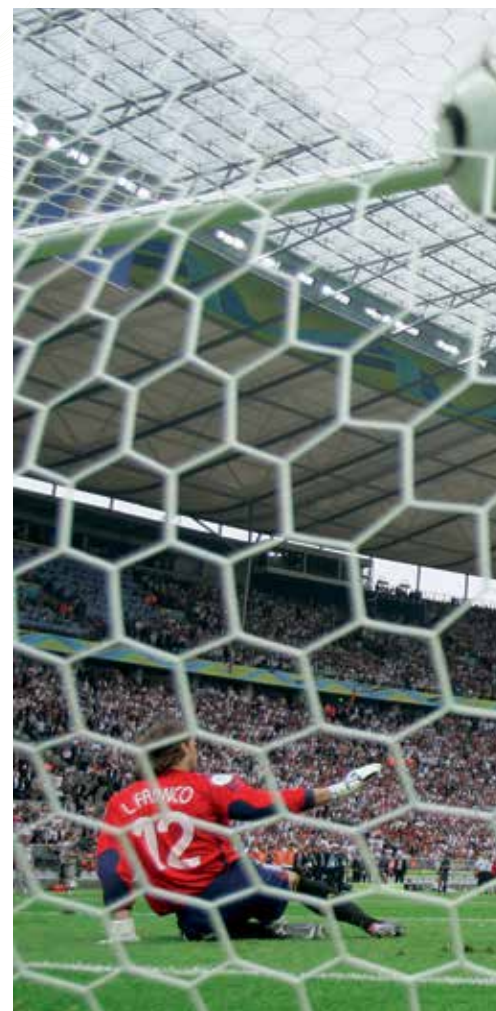
**D**e tanto reformular as regras da Fórmula 1 para este ano, a Federação Internacional de Automobilismo colocara a bola na proverbial marca do pênalti. A Mercedes, dos pilotos Lewis Hamilton e Nico Rosberg, não hesitou. Deu um bico cheio da galhofa que as novas regras mereciam – numa brincadeira registrada em vídeo. A bola entrou no ângulo. No vídeo, o inglês Hamilton e o alemão Rosberg zombam à larga das regras. Tudo com ironia britânica. Quando surge uma pergunta sobre “penaltys”, as penalidades nas corridas, Rosberg tira uma onda. “Como vocês ingleses sabem, somos muito bons com pênaltis. Sou alemão”, afirma, simulando uma entrevista com um jornalista inglês.

No vídeo, não há frase sem ironia. Eis mais uma: a Inglaterra empenhou-se tanto na Copa de 2014 para não ser eliminada nos pênaltis, como de costume, que conseguiu – caiu já na primeira fase. Os alemães e outras 15 seleções, coitadas, ainda poderão passar por esse vexame tão inglês. A partir de agora, em caso de empate no tempo normal e na prorrogação, cinco jogadores de cada equipe tentarão acertar a bola num espaço de 17,86 metros quadra-

dos, a 11 metros de distância. Entre a glória e a ruína, estará um sujeito com a missão de impedir que a bola entre. Quem errar menos vencerá. Simples – e traumático – assim.

Os ingleses são vítimas de um transtorno futebolístico chamado por Nelson Rodrigues de “complexo de vira-latas”, um derivativo do clássico complexo de inferioridade. Hoje, ele virou muleta retórica para explicar qualquer coisa. Mas ainda é útil no futebol. Campeã mundial apenas uma vez, com a ajuda do juiz, a seleção inglesa perdeu seis das sete disputas de pênaltis que enfrentou em Copas do Mundo ou Eurocopas desde 1976. Um trauma capaz de produzir lágrimas e piadas em igual quantidade só poderia suscitar pesquisas sérias. Estudos estatísticos e comportamentais servem ao propósito de suavizar a angústia diante do incerto – dos pênaltis metafóricos da vida.

Nada mais previsível que um psicólogo britânico se dedicasse a estudar os pênaltis. Ele se chama Jon Billsberry e trabalha na Universidade Deakin, na Austrália. Com base num trabalho de 2008, Billsberry afirma que as seleções de países tidos como mais coletivistas se saem melhor nas



disputas de pênalti que as de países mais individualistas. “Essas culturas são mais propensas a culpar indivíduos por fracassos, ao passo que em cultura coletivistas o culpado pelo fracasso é o time”, diz Billsberry. “Jogadores de culturas individualistas são mais propensos a temer fracassar pelo impacto negativo que isso terá neles.” Nos números levantados por Billsberry, atletas de países individualistas tendem a perder dois de cinco pênaltis por decisão; os de culturas coletivistas perdem um em cinco. Outra variável é o momento da disputa. “Sabemos por estudos quantitativos que é mais fácil acertar (*o pênalti*) quando isso significa vencer, e mais fácil errar quando significa eliminação”, diz Billsberry. O medo de fracassar conduz ao... fracasso.



**NÃO É LOTERIA**  
**A Alemanha vence**  
**a Argentina nos**  
**pênaltis, em 2006.**  
**A estatística tenta**  
**explicar as disputas**

pênalti. O tcheco Antonin Panenka bateu fraco, por baixo da bola, que morreu devagarzinho na rede, no meio do gol. Panenka inventara a cavadinha – diante de Sepp Maier, um dos maiores goleiros da história. Não há estatística capaz de expressar tamanho feito.

A disputa por pênaltis é uma crueldade, que não reflete a realidade do jogo. Até a Copa de 1978, empates ao final de 120 minutos eram decididos numa partida extra. Desde 1978, 22 jogos de Copa foram decididos nos pênaltis – entre eles, as finais de 1994 e 2006. Estatísticas e analogias amortecem essa implacabilidade. Antes de ser um dos maiores escritores do mundo, Albert Camus, um menino doente e franzino, foi goleiro. “Nada me ensinou mais na vida”, dizia Camus. Para ele, o homem moderno jogava sua experiência num campo dominado pela incerteza – e pelo ápice dela, o absurdo. Manter o controle da bola é uma ilusão, pensava Camus. Como na vida, no futebol é impossível prever tudo. Como o futebol, em alguns momentos a vida é injusta e incerta. Especialmente se, após 120 minutos de jogo, numa Copa do Mundo, seu adversário for a Alemanha ou a República Tcheca. De incerta, a vida então se torna um absurdo. Ainda bem que você não é inglês. ♦

No alto da lista de países que disputaram Copas do Mundo e são apontados como individualistas estão Inglaterra, Holanda (um sucesso e quatro fracassos) e Itália (três sucessos e cinco fracassos, um deles na final de 1994, para o Brasil). Os bem-sucedidos alemães só foram derrotados uma vez, pelos tche-

cos. Nesses campeonatos da estatística, a República Tcheca é um fenômeno. Nunca perdeu uma disputa por pênaltis. Mais: nunca desperdiçou uma cobrança sequer. Seu único título, a Eurocopa de 1976, ainda como Tchecoslováquia, foi assim. Na final, os tchecos empataram com os alemães. Uli Hoeness errou seu